

ATA DA 030ª SESSÃO ESPECIAL DA
4ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 17ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 11 DE NOVEMBRO DE 2014, EM
COMEMORAÇÃO AO CENTENÁRIO DA POSSE DE DOM JOAQUIM
DOMINGUES DE OLIVEIRA, BISPO DA DIOCESE DE
FLORIANÓPOLIS, E CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE DOM
AFONSO NIEHUES, ARCEBISPO DE FLORIANÓPOLIS
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO ROMILDO TITON

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao centenário da posse de dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo da Diocese de Florianópolis, e centenário de nascimento de dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis.

Convido para compor a mesa as excelentíssimas autoridades que serão nominadas a seguir:

Excelentíssimo senhor desembargador Jacó Bruning, representando neste ato o presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, desembargador Nelson Juliano Schaefer Martins;

(Palmas)

Excelentíssimo senhor deputado Padre Pedro Baldissera, segundo-vice-presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina;

(Palmas)

Excelentíssimo reverendíssimo dom Wilson Tadeu Jönck, digníssimo Arcebispo Metropolitano de Florianópolis;

(Palmas)

Seminarista Alex Antunes do Prado, representando neste ato dom Irineu Andreassa, bispo da Diocese de Lages;

(Palmas)

Reverendíssimo padre Vitor Galdino Feller, diretor da Faculdade Católica de Santa Catarina e vigário-geral da Arquidiocese de Florianópolis;

(Palmas)

Senhora Lenice Niehues, sobrinha de dom Afonso Niehues, neste ato representando a sua família;

(Palmas)

Reverendíssima irmã Enedina Sacheti, representando neste ato a congregação das Irmãs da Divina Providência, filha do importante município de São Ludgero.

(Palmas)

Excelentíssimas autoridades, sras. deputadas e srs. deputados, a presente sessão em comemoração ao centenário da posse de dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo da Diocese de Florianópolis, e centenário do nascimento de dom Afonso Niehues foi convocada por solicitação da Mesa Diretora e aprovada por unanimidade pelos demais parlamentares.

Neste momento, teremos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do hino.)

Esta Presidência registra e agradece a presença das seguintes autoridades:

Reverendíssimo padre Pedro José Koehler, capelão do Hospital de Caridade de Florianópolis;

Doutor Walter Brasil Konell, diretor-geral do Hospital e Maternidade Carlos Correa;

Tenente-coronel Waldemar Groh, representando o senhor comandante-geral da Polícia Militar de Santa Catarina;

Senhor Jurandir Henrique Hostins, provedor da Irmandade do Divino Espírito Santo;

Reverendíssima irmã Clea Fuck, representando neste ato a Pastoral dos Coroinhas, da Arquidiocese de Florianópolis;

Senhora Maria de Lourdes Archer, representando neste ato a comunidade Lumen;

Senhor professor Carlos Martendal;

Senhora Vilma e senhor Nestor Feter, casal que representa neste ato a Pastoral Familiar de Florianópolis;

Senhora Daniela dos Santos, representando neste ato a comunidade Divino Oleiro de Florianópolis;

Senhor Ericson Stueber, representando a Rádio Cultura AM 1.110;

Senhora Celma Rodrigues Lima, representando neste ato a Comunidade Católica Shalom, de Florianópolis.

Esta Presidência pede desculpas às autoridades que, eventualmente, não tenham feito o seu registro no protocolo.

Recebo a informação da presença da nossa ilustre ex-prefeita do município de Florianópolis, Angela Amin, e agradecemos a sua presença nesta sessão.

A seguir, convido para fazer uso da palavra o sr. deputado Padre Pedro Baldissera, que falará em nome de todos os deputados com assento neste Poder.

O SR. DEPUTADO PADRE PEDRO BALDISSERA - Sr. presidente, deputado Joares Ponticelli, o qual cumprimento pela Presidência desta sessão; sr. desembargador Raulino Jacó Bruning, representando neste ato o presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina; sr. Nelson Juliano Schaefer Martins; reverendíssimo dom Wilson Tadeu Jönck, digníssimo Arcebispo Metropolitano de Florianópolis; seminarista Alex Antunes do Prado, representando neste ato dom Irineu Andreassa, bispo da Diocese de Lages; reverendíssimo padre Vitor Galdino Feller, diretor da Faculdade Católica de Santa Catarina e vigário-geral da Arquidiocese de Florianópolis; sra. Lenice Niehues, sobrinha de dom Afonso Niehues, neste ato representando a sua família; reverendíssima irmã Enedina Sacheti, representando neste ato a Congregação das Irmãs da Divina Providência; religiosos e religiosas, homenageados e homenageadas, padres, seminaristas e lideranças da nossa Igreja; e outras lideranças civis da nossa sociedade.

(Passa a ler.)

"A celebração de dois centenários, neste ano de 2014, é uma oportunidade ímpar, e não somente para a Igreja, mas também para a sociedade catarinense, de recuperar a história em nome do presente e futuro.

Em Sete de Setembro de 1914, dom Joaquim Domingues de Oliveira assumia como bispo de Florianópolis. No mesmo ano de 1914, dias antes, em 23 de agosto, nascia em São Ludgero dom Afonso Niehues. Eles são duas figuras ímpares para a

Igreja e para a história de Santa Catarina não somente pela trajetória que construíram, mas por representarem em suas particularidades o que é ser cristão.

Seria impossível fazer aqui uma recuperação de tudo que as suas vidas representaram. No entanto, traço um paralelo que mostra como a recuperação de suas histórias faz-nos aprender a enaltecer as virtudes que estão constituídas como base do povo de Deus.

Dom Joaquim, nascido em Portugal e vindo ao Brasil ainda criança, tem uma trajetória de vida que mescla profunda fé com grande sagacidade teórica e crítica em relação aos rumos da Igreja em sua época. Assim, representou a unidade e a liberdade da Igreja em relação às amarras do estado. Sua atuação, em que pesem às críticas que apresentou, auxiliou na preparação para a renovação que veio posteriormente, a partir do Concílio Vaticano II, e plantou a semente de diversos debates aprofundados nas Dioceses e no trabalho da catequese.

Dom Afonso Niehues, nascido em São Ludgero, marca a sua trajetória por um diálogo aberto da Igreja com o mundo que o cerca. Teve atuação destacada na defesa dos direitos humanos diante da ditadura civil e militar, na libertação dos pobres, na defesa da família e da vida e na preocupação com as causas sociais.

Esses são traços que mostram também uma nova Igreja. É preciso lembrar aqui, ainda, a participação marcante de dom Afonso no Concílio Vaticano II. É a Igreja viva que vai até o povo e caminha junto dele, motivada pela palavra de fé e pela caminhada revolucionária de Jesus.

Estamos aqui, hoje, para homenagear dom Joaquim e dom Afonso, e para lembrar como as suas concepções da Igreja e da fé auxiliaram a forjar também a nossa sociedade, e marcaram profundamente as épocas em que viveram.

Isso é de fundamental importância porque ambos, com suas diferenças e suas convergências, lançaram luzes para que muitos e muitas de nós

hoje orientemos o nosso fazer cristão, a nossa fé e a nossa ação.

A homenagem aqui não é um ato de mera formalidade, mas um reconhecimento que carrega em si a materialização da força da fé e da ação católica.

Faço referência ao último parágrafo do editorial que abre a Edição n. 2, de 2014, da revista *Encontros Teológicos*, da Faculdade Católica de Santa Catarina e do Instituto Teológico também de Santa Catarina:

'Esperamos que o conhecimento do legado espiritual e teológico, pastoral e cultural desses dois grandes homens da nossa Igreja catarinense nos provoque a relançar adiante esta maravilhosa herança'.

É este o nosso papel aqui. Mais do que homenagear e guiar-nos para que relançamos a cada dia as sementes que frutificaram a partir do trabalho de fé, pastoral e social destes dois grandes exemplos de ser cristão."

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli) - Convido para fazer uso da palavra o professor Carlos Martendal.

O SR. CARLOS MARTENDAL - Excelentíssimo sr. presidente, deputado Joares Ponticelli; excelentíssimo sr. deputado Padre Pedro Baldissera; excelentíssimo desembargador Raulino Jacó Bruning, representando neste ato o presidente do Tribunal de Justiça; reverendíssima irmã Enedina Sacheti; sra. Lenice Niehues, sobrinha de dom Afonso Niehues; seminarista Alex Antunes de Prado, representante do sr. bispo da Diocese de Lages; reverendíssimo padre Vitor Galdino Feller, vigário-geral da Arquidiocese de Florianópolis e diretor da Faculdade Católica de Santa Catarina; caríssimo dom Wilson Tadeu Jönck, nosso querido Arcebispo Metropolitano de Florianópolis; reverendíssimos padres; reverendíssimos diáconos; religiosos, religiosas e seminaristas; senhoras e senhores homenageados.

(Passa a ler.)

"A Assembleia Legislativa se reúne em sessão especial para homenagear dois eminentes vultos da história catarinense: dom Joaquim Domingues de Oliveira, de quem recordamos o centenário de início de pastoreio na Diocese de Florianópolis, e dom Afonso Niehues, de quem celebramos o centenário de nascimento.

Dom Joaquim atravessou um continente e um oceano para chegar aqui; a dom Afonso bastaram uns poucos quilômetros. Se foram diferentes na distância percorrida, igualaram-se, cada qual a seu modo, no amor e no zelo pela Igreja, pelo povo que Deus lhes confiou.

Dom Joaquim escolheu para lema o que Paulo escrevera aos Romanos: 'Aquele que preside, faço-o com solícitude' (Rm 12,8), revelava a solícitude do pastor pelo rebanho; dom Afonso foi buscar no convite de Jesus o lema que norteou o seu episcopado, 'Ide para a vinha' (Mt 20,4.7); foi ele mesmo operário da vinha do Senhor, chamando muitos outros para a messe.

Dois grandes arcebispos, dois homens exemplares. Foram 'homens ilustres, de grande virtude, dotados de prudência, que, com a firmeza da sua sabedoria, deram instruções muito santas ao povo' (cf Eclo 44,1.3).

Debruçando-se por pouco que seja sobre seus trabalhos, pode-se dizer, com as palavras do polonês São Zygmunt Felinski: 'Há pessoas semelhantes a estrelas as quais não vemos, e, no entanto, aproveitamos da sua luz'! Dom Joaquim e dom Afonso foram luz da luz, iluminando os caminhos de quantos puderam beber de sua santidade e sabedoria.

Um e outro foram ao encontro do povo de Deus, não se fazendo 'prisioneiros' da casa episcopal e nem sendo bispos de sacristia. Foram ao encontro, foram à procura, porque isso é próprio do amor.

Ambos fizeram a doação da vida e ambos viram a doação de muitas vidas que se fizeram dom para semear a vida em abundância. Ambos trabalharam com afinco para que as ovelhas confiadas a seu pastoreio pudessem seguir o caminho que não tem

atalhos. Ambos pastores de misericórdia, mas pastores diferentes para tempos diferentes!

Nosso primeiro Arcebispo foi pastor num tempo em que o leigo pouco ou nada contava na vida da Igreja. E aí veio o Concílio Vaticano II dizer: 'A Igreja não se acha deveras consolidada, não vive plenamente, não é um perfeito sinal de Cristo entre os homens, se não existe um laicato de verdadeira expressão que trabalhe com a hierarquia' (Ad Gentes, 21).

Dom Joaquim não pensava assim; pelo contrário, os novos rumos que a Igreja tomava constituíam uma forte preocupação para ele. O seu zelo pela Igreja, o seu amor pela Igreja, nortearam sua vida.

Dom Afonso, pastor do pastor da vinha, vivia sentindo o cheiro do rebanho. Fortalecendo os seus padres, convidando os leigos para a vinha, abriu as janelas da Arquidiocese para que soprassem novos ventos. Sabia, como ensina o Eclesiastes, que para tudo há um tempo. E provava ele mesmo, como provara o seu antecessor, que Deus dá ao povo os pastores de acordo com o seu coração, iluminando-os para que governem com inteligência e sabedoria (cf. Jr 3.15).

Dom Joaquim tinha como território da Diocese o estado inteiro. Enfrentava, além de outras dificuldades, as de transporte. Estradas ruins, quando existiam estradas, tornavam longas as viagens de carro. E tantas vezes teve que se servir do cavalo, da canoa, da carroça e até a pé pastoreava, como o bom pastor!

Dom Afonso teve uma Arquidiocese bem menos ampla territorialmente, mas grandemente expandida em seu povo. De modos diferentes, pastorearam quanto lhes permitiram as forças e os dons recebidos.

Pelos caminhos que percorreram, podiam ouvir, sem ter escutado, as palavras do papa Francisco: 'O trabalho do bispo é bonito: é ajudar os irmãos a seguir em frente'!

O primeiro Arcebispo, muito atento à instrução, queria o povo alfabetizado, culto, para poder atingir a verdade revelada. Certa vez

afirmou: 'Educar o homem é formar-lhe a consciência e o caráter, é preparar o cidadão honesto e honrado de amanhã' (sermão da Quinta-feira Santa de 1964). Via a escola 'como um prolongamento do lar, em que se continua ou se supre a deficiência paterna' (sermão no solene Te Deum por ocasião da visita do excelentíssimo sr. vice-presidente da República, dr. Nereu Ramos, 1946).

O segundo: foi o pastor que implantou na Arquidiocese as novas propostas do Vaticano II, transformando a vida da Igreja Particular. Pai do Regional Sul IV, que presidiu por 16 anos, voltou-se para a formação do clero, a criação da Itesc e da Escola Diaconal, convocou os leigos e assistiu-os, neles confiando, tornando-se o pastor da vinha com a família e pela família.

Dons de Deus, souberam dar-se. E no dar-se deram a muitos o caminho do céu. Fiéis seguidores do ensinamento de Cristo, pobres, não tiveram nem ouro nem prata para oferecer. Deram-se a si mesmos, dando Cristo a seus irmãos.

Por isso, dom Afonso pôde dizer: 'O cristão deve se identificar com o 'homem novo' do Evangelho, isto é, o homem carregado de dinamismo interno, capaz de transformar a sociedade' (Homilia na missa de posse do governador Jorge Konder Bornhausen, 1979).

Por isso, dom Joaquim insistia: 'Nesta hora [...] tão exposta [...] a feroz materialismo, [...] a humanidade como que, de instinto, procura no alto a luz que a guie e lhe mostre os rumos certos da salvação' (sermão nas solenes exéquias do Papa Pio XII, Catedral, 1958).

Dois grandes arcebispos, dois homens exemplares que, em 77 dos 100 anos do século passado, ajudaram a moldar o estado de Santa Catarina e sua nobre gente.

Imolaram-se como hóstias vivas, pois sabiam que 'o peso do trabalho não era mais do que o jugo do Senhor' (dom Afonso, saudação a dom Joaquim, às autoridades e ao povo, 1965). Amaram a Deus e, nele os irmãos, protagonizando a construção da civilização do amor.

Se no início citamos o santo polonês dizendo, para aplicá-las a dom Joaquim e a dom Afonso, que 'há pessoas semelhantes às estrelas, as quais não vemos e, no entanto, aproveitamos da sua luz', agora podemos dizer com o profeta Daniel: 'Os que tiverem ensinado a muitos homens os caminhos da virtude brilharão como as estrelas por toda a eternidade' (Dn 12,3).

E devemos repetir, para homenageá-los, as palavras do próprio dom Joaquim nas exéquias de três importantes figuras políticas de Santa Catarina, em 1958: 'De hoje em diante descansem os seus trabalhos, porque as suas obras os seguem'.

E ainda estas, ditas às magistrandas do Colégio Coração de Jesus, em 1959: 'Poucos, bem poucos, os que podem repetir com o velho Horácio, o célebre poeta latino: 'Realizei um monumento mais duradouro que o bronze; não morrerei de todo: a maior parte de mim escapará à morte''! (sermão na missa de formatura das magistrandas do Colégio Coração de Jesus, 1959).

Dom Joaquim e dom Afonso esperaram no Senhor e fizeram o bem seguindo seus caminhos. Foram humildes, agora são exaltados; foram pobres, agora usufruem as infinitas riquezas dos tesouros de Deus; sofreram, agora exultam de alegria; acolheram, e quando chegou o tempo da partida, foram acolhidos por quem compartilha da eternidade dos seus nomes.

Feliz a terra em que viveram, feliz a terra e as pessoas regadas com seu trabalho e sua benção!"

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Muito obrigado, professor Carlos Martendal, pela brilhante manifestação sobre os dois homenageados desta noite.

Convido a mestre-de-cerimônias, Nicoli Madeira, para proceder à nominata dos homenageados desta sessão.

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Nicoli Madeira) -
Senhoras e senhores, boa-noite!

Neste momento, o Poder Legislativo catarinense presta uma homenagem à Arquidiocese de Florianópolis, por sua missão evangelizadora iniciada e fortalecida pelos homenageados, promovendo a dignidade da pessoa e renovando a comunidade para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Convido os srs. deputados Joares Ponticelli e Padre Pedro Baldissera para fazerem a entrega das homenagens.

Convido para receber a homenagem sua excelência reverendíssima dom Wilson Tadeu Jönck, arcebispo de Florianópolis, neste ato representando a Arquidiocese de Florianópolis.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem sua excelência reverendíssima dom Irineu Andreassa, bispo da Diocese de Lages, neste ato representado pelo seminarista Alex Antunes de Prado.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o sr. Ademir Freitas, secretário executivo da CNBB - Regional Sul-4, neste ato representando-a.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Alcides Albony Amaral, vice-reitor do Seminário Menor Metropolitano, neste ato representando-o.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Vitor Galdino Feller, diretor do Instituto Teológico de Santa Catarina, neste ato representando-o.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Vanderley Francisco Kraich, reitor do Seminário Filosófico de Santa Catarina, do município de Brusque, neste representado pelo seminarista Gabriel Debatin.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Valter Maurício Goedert, diretor da Escola Diaconal São Francisco de Assis, neste ato representando-a.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o diácono Djalma Lemes, presidente da Ação Social Arquidiocesana, neste ato representando-a.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Janice Marli da Silva Vieira, responsável pelo Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, neste ato representando-o.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Tarcísio Pedro Vieira, vigário judicial, neste ato representando o Tribunal Eclesiástico Regional de Florianópolis.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Kamilla Alexandre Pereira, auxiliar administrativa do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, neste ato representando-o.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Lenice Niehues, sobrinha de dom Afonso Niehues, neste ato representando a sua família.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido os familiares presentes para, juntamente com a sra. Lenice Niehues, registrar este momento com uma fotografia.

(Palmas)

Muito obrigada aos deputados Joares Ponticelli e Padre Pedro Baldissera.

A seguir, um grupo de seminaristas, regidos pelo padre Nei, irá nos brindar com uma apresentação musical.

(Procede-se à apresentação musical.)

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Joares Ponticelli)
- Agradecemos muito ao coral pela brilhante apresentação.

Eu fiquei muito agradecido ao presidente da Casa, deputado Romildo Titon, quando me designou, na última reunião da Mesa, para presidir esta sessão especial. Nós havíamos acertado isso, eu havia recebido esta solicitação no período em que estava o exercício da Presidência da Casa, e agradeço muito a deferência do presidente Romildo Titon em me permitir conduzir a sessão até aqui.

Mas daqui até o seu final vou praticar o mesmo gesto com o deputado Padre Pedro Baldissera, segundo-vice-presidente da Casa, para que possa dar continuidade a uma homenagem ao mais legítimo representante da nossa Santa Igreja Católica aqui neste Parlamento, já que é o único deputado que continua com as suas atividades e com os seus serviços prestados à nossa Igreja.

Antes, porém, quero, ao tempo em que agradeço a presença de todos e o carinho e o apoio que recebemos para a realização desta sessão, cumprimentar os nossos servidores, agradecer pelo empenho e dizer da alegria que tive, no ano passado, que foi o ano em que exerci de fato e de direito a Presidência desta Casa - e também a exerci neste ano, durante os quase nove meses, também por outros fatores - de, juntamente com a Mesa Diretora, prestar uma homenagem a grandes vultos catarinenses. Agradeço a Deus por ter tido a sorte e a graça de ter sido presidente nesse período de celebrações de importantes centenários.

Tivemos a oportunidade, no ano passado, através de uma sessão como esta, de contar um pouco mais da história, da arte e da vida do grande pintor lageano, Malinverni Filho, que, se vivo estivesse, teria completado 100 anos em fevereiro de 2013.

Depois, em setembro do ano passado, tivemos também a oportunidade de nos reunir para celebrar o centenário de outro grande catarinense de Tubarão, o nosso saudoso Willy Alfredo Zumblick, que foi o maior pintor das bandeiras do Divino,

assim reconhecido mundialmente, e talvez o melhor contador da história da saga de Anita Garibaldi, do Contestado, das nossas belezas. Ele o fez melhor do que ninguém, porque, através das telas e da arte, contou muito da história de Santa Catarina.

Celebramos, há poucos dias, também numa importante sessão especial - e naquela a ex-prefeita Angela Amin prestigiou-nos também com a sua presença -, o centenário de um catarinense adotado, certamente aquele que o professor Martendal lembrava as exéquias celebradas por dom Joaquim. Falo do governador Jorge Lacerda, cujo centenário de nascimento também comemoramos neste ano que, prematuramente, nos deixou, em 16 de junho de 1958, mas a sua grande obra foi celebrada nesta Casa marcando o seu centenário.

Na próxima semana nós nos reuniremos novamente em sessão especial para prestar as homenagens desta Casa ao sesquicentenário de nascimento de outro catarinense importante, Lauro Severiano Müller, cuja Câmara dos Deputados, por iniciativa do deputado Esperidião Amin, coincidentemente na noite de hoje também presta a sua homenagem àquele importante catarinense, talvez um dos maiores estadista deste estado, reconhecido não somente em Santa Catarina, mas em toda República que se iniciava, como um importante líder.

Nesta noite estamos tendo a oportunidade, através desta sessão e dos nossos veículos de comunicação: a TV Assembleia, a Rádio Alesc Digital e a nossa Agência de Notícias, de socializar essa informação para que tantos adolescentes e jovens e cidadãos catarinenses possam conhecer um pouco mais da grande trajetória desses dois religiosos que continuam honrando, com as suas histórias, os caminhos, a saga, a história da nossa Igreja Católica.

Por isso, fico feliz de poder até aqui presidir a sessão em homenagem a dom Joaquim e a dom Afonso Nihues.

Nesse momento, para dar continuidade à presente sessão, passo o comando dela ao querido

amigo, o nosso reverendíssimo padre e vice-presidente, deputado Padre Pedro Baldissera.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Obrigado, deputado Joares Ponticelli, a quem agradeço a oportunidade de poder dar continuidade a esta sessão significativa.

Queremos agradecer, deputado Joares Ponticelli, porque na nossa caminhada e trajetória política muito temos aprendido com a sua maneira de conduzir e fazer acontecer as coisas. Devo muito a você - e digo você pela grande amizade que temos -, que fez todo esse trabalho, o qual compartilhamos no dia a dia da nossa caminhada.

Dando sequência à nossa sessão, convido para fazer uso da palavra o padre Vitor Galdino Feller.

O SR. PADRE VITOR GALDINO FELLER - Caríssimo deputado Padre Pedro Baldissera, presidente desta sessão; demais autoridades da mesa; caríssimo dom Wilson Tadeu Jönck.

O livro do Eclesiástico, 44,1-15, diz: façamos o elogio dos homens ilustres, nossos antepassados, através das gerações.

A nossa Igreja Arquidiocesana estão, neste semestre, prestando diversas homenagens a esses dois homens ilustres. Já tivemos a oportunidade de celebrar, com todos os padres e diáconos da Arquidiocese, um encontro de formação a respeito da história de um e de outro, com a missa solene em Azambuja, com diversos representantes das diversas Dioceses do estado de Santa Catarina.

Depois, em 23 de agosto, dia exato do centenário de nascimento de dom Afonso Niehues, celebramos uma missa solene na catedral. E naquele final de semana, 23 e 24, em todas as Igrejas da nossa Arquidiocese, lembramos esses dois homens ilustres, e foi lançado o Prêmio de Iniciativa Solidária com o nome dom Afonso Niehues para entidades, organismos, que prestam atenção e cuidado para pessoas em situação de risco, ou favorecem a criação de pequenas empresas para a geração de emprego e renda.

O coral da catedral, junto com um grupo de seminaristas que hoje aqui se apresentou, também

homenageou os dois homens com um concerto na catedral.

A Academia Catarinense de Letras, juntamente com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e a Faculdade Católica de Santa Catarina que eu dirijo, também prestou uma homenagem a esses dois grandes homens.

Hoje, a sociedade catarinense tem a oportunidade de estar aqui e, através da Assembleia Legislativa, fazemos um elogio a esses homens ilustres que não foram apenas homens de Igreja, mas homens da sociedade catarinense, homens da cultura, da política, da ciência e deste estado de Santa Catarina.

(Passa a ler.)

"Seguindo a prática do livro de Eclesiástico (44,1-15) que faz o elogio dos antepassados, e considerando que cada uma dessas palavras pode referir-se explicativamente a nossos pais na fé, nossa revista presta homenagem agradecida e faz o elogio de dois grandes homens que marcaram nossa história no decorrer do século XX."

Dom Joaquim governou a Igreja de Santa Catarina desde 1914, quando aqui chegou, até 1927, quando foram criadas as Dioceses de Lages e de Joinville, quando ele, então, passou a ser Arcebispo Metropolitano, continuando a governar a Igreja de Florianópolis até 1967.

E dom Afonso Nihues foi seu imediato sucessor, embora já em 1965 começara a governar a Arquidiocese como arcebispo coadjutor, ficando até 1991, vindo a falecer em 1993.

Se contarmos, portanto, de 1914 a 1993, temos aí praticamente todo o século XX, que é conhecido, nos âmbitos teológicos, como o século da Igreja porque foi nesse século que muitos teólogos escreveram obras marcantes, fundamentais, a respeito da Igreja, obras estas que foram preparando o Concílio Vaticano II, que por sua vez é conhecido como o Concílio da Igreja.

Pela primeira vez um concílio definiu a respeito da Igreja, grandes verdades sobre a Igreja toda como povo de Deus, a colegialidade, a sinodalidade dos bispos, a hierarquia como

serviço, a importância das lideranças leigas e de todos os batizados para a vida da Igreja, a Igreja como comunhão e participação.

Conhecido como século da Igreja, nesse século XX concentra-se a atividade desses dois grandes homens. Por sua vez, o século XX é também conhecido como Século do Espírito Santo. Na verdade, alguns dizem que o Século do Espírito Santo está sendo, e vai ser, ainda este século em que nos situamos, o século XXI.

Então, nesse século, que é século da Igreja, o século XX, preparando o Século do Espírito Santo, o século XXI, nossos dois arcebispos, podemos assim dizer, foram homens de Pentecostes, homens que se deixaram possuir pelo Espírito Santo para serem servidores do Senhor Jesus, do Reino de Deus, da Igreja de Jesus Cristo, povo santo de Deus.

O Pentecostes de dom Joaquim Domingues de Oliveira foi o Pentecostes do zelo apostólico, um homem dedicado à Igreja. Um homem simples, pobre, quando se tratava da sua própria vida pessoal, mas quando se tratava de estar à frente da Igreja, era muito cioso da sua autoridade, porque ele sabia estar representando a Igreja. Na verdade, estar representando o próprio Senhor Jesus no ensinamento do povo, no serviço da fé, na aproximação dos pobres.

Dom Joaquim foi o homem da liberdade da Igreja diante do poder republicano. Lembremo-nos de que até 1889 a Igreja era praticamente dominada pelo império, no regime do padroado. A Igreja não tinha liberdade religiosa, ela mesma passou trabalho para assimilar a liberdade religiosa que foi proclamada com a República. Mas, com o tempo, ela mesma percebeu a grande vantagem para ela de ver-se livre das amarras do padroado e, portanto, também das amarras que a possuíam e a dominavam, impedindo-lhe de criar dioceses, de escolher os seus próprios bispos, de formar os seus próprios quadros na sua hierarquia.

Nesse sentido, dom Joaquim assimilou isto: a liberdade da Igreja diante do poder republicano. Dom Joaquim foi o homem da defesa da fé e dos

costumes diante dos primeiros ataques do relativismo cultural e moral lá na primeira metade do século passado.

Dom Joaquim viveu o tempo da romanização, ou seja, quando a Igreja se viu livre do padroado, livre das amarras do poder civil, ela mesma devia constituir-se na sua liberdade, nos seus quadros, na organização das suas Dioceses, na formação do seu clero. Assim é que vivendo esse tempo de romanização, que muitos veem de modo negativo, como se a Igreja do Brasil estivesse dominada pela Santa Sé, em Roma, na verdade foi a época em que a Igreja do Brasil foi ganhando liberdade diante do estado.

Vivendo esse tempo que não deve ser visto somente em termos negativos, mas como caminho de unidade da Igreja do Brasil com a Sé Romana, dom Joaquim garantiu a liberdade e a unidade da Igreja no estado de Santa Catarina. Foram os tempos novos da recém-proclamada República que separaram a Igreja do estado, e na qual se tentou superar as práticas do padroado imperial.

Foram tempos que libertam a Igreja dos vínculos estatais para os voos do aprofundamento catequético, da criação das Dioceses, da dinâmica do Espírito Santo. Enfim, foram os tempos que prepararam a Igreja para as novidades que vieram com o Concílio Vaticano II.

Dom Joaquim foi homem do Concílio Vaticano I. O Vaticano I realizou-se em 1870, e em 1870 o Concílio definiu a unidade da Igreja ao redor do Papa para a constituição de um povo forte e firme na defesa da fé. E daí a importância da catequese, das escolas paroquiais, das escolas diocesanas, a firmeza da fé diante de outras manifestações eclesiais, ou até religiosas, a fé cristã e católica.

Dom Joaquim foi o homem que fez acontecer o Vaticano I, mas, ao mesmo tempo, era um homem aberto às relações. Relacionava-se muito bem com homens da política, da ciência, da cultura, não era um homem fechado nas relações intraeclesiais, mas um homem aberto a todas as relações. De certa maneira, nós podemos dizer que,

mesmo sem saber, nele nós estávamos percebendo alguém que preparava o Concílio Vaticano II.

De fato não dá para entender o Concílio Vaticano II sem uma grande etapa de preparação: os movimentos catequéticos, litúrgicos, missionários, movimento leigo, movimento bíblico. Todos estes movimentos que prepararam o Concílio Vaticano II aconteceram na época em que dom Joaquim estava à frente da Igreja de Santa Catarina como um todo, de 1914 a 1927, e depois à frente da Arquidiocese, continuando à frente da Arquidiocese até 1967.

Esse foi o Pentecostes de dom Joaquim, um homem que foi possuído pelo Espírito Santo. E, possuído pelo Espírito Santo, foi um servidor de Jesus Cristo, um servidor da Igreja de Cristo. O Pentecostes de dom Afonso foi o mesmo do Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II, como adiantei, foi o Concílio da Igreja Povo de Deus, a Eclesiologia da Comunhão. A Igreja não pode mais ser entendida como uma pirâmide que vem de cima, do Papa, para os bispos, os padres, as religiosas e os fiéis. A Igreja deve ser vista como comunhão. Cada Diocese é uma Igreja em rede, em comunhão, com uma grande rede na unidade com a Igreja de Roma.

Na Igreja de Jesus Cristo um mais um e mais um, não são três, mas é sempre um. A Igreja Comunhão reflete aqui na terra a Santíssima Trindade, três pessoas num só Deus. Na Igreja de Santa Catarina temos dez Dioceses numa só Igreja. No mundo inteiro talvez cinco mil Dioceses, uma só Igreja de Cristo. Essa diversidade na unidade é a Eclesiologia da Comunhão que dom Afonso fez acontecer aqui em sua Diocese.

O Conselho Vaticano II foi o Conselho da Colegialidade Episcopal. Dom Afonso esteve à frente do Episcopado Catarinense, foi um grande líder, embora muito silencioso e calmo. Eu posso testemunhar isso porque muitas vezes, como aluno do Itesc, e depois como diretor e professor, participei de muitas reuniões em que dom Afonso estava presente. Com os professores do Itesc e os bispos em Santa Catarina ouvia tudo, ouvia a todos, ponderava tudo, mas depois, tendo ouvido

tudo, ele dava a sua linha. Estava à frente da Igreja de toda Santa Catarina, do Episcopado catarinense, para criar o Regional Sul IV, representação da CNBB no estado de Santa Catarina; o Itesc, - Instituto Teológico, onde desde 1973 estudam os seminaristas na teologia em Santa Catarina; o Sefisc, Seminário de Filosofia, em Brusque. Depois dom Afonso criou, na Arquidiocese, a Escola Diaconal.

Sempre muito preocupado também com a formação de lideranças leigas, dom Afonso esteve à frente do Episcopado Catarinense, exercendo a colegialidade episcopal.

O Concílio Vaticano II também foi o concílio do diálogo da Igreja com o mundo. Dom Afonso foi um homem muito aberto ao diálogo com o mundo da política, da ciência, das outras Igrejas cristãs, das religiões, na busca das relações ecumênicas e da unidade com outras Igrejas.

Foi um homem da defesa dos direitos humanos, como já se falou aqui, diante da ditadura militar. Sem fazer muito alarde e sem aparecer na mídia, dom Afonso acolhia pessoas que eram perseguidas pelo regime militar e encontrava meios de essas pessoas continuarem sobrevivendo naquele regime que diversas vezes impunha a dificuldade da própria sobrevivência e da locomoção.

Nessa época do Concílio Vaticano II, logo no pós-Vaticano II, era necessária a criação de novas estruturas para a implantação das diretrizes conciliares, estruturas para a implantação da reforma litúrgica, reforma catequética, a visão da Igreja como missionária: não só receber missionários que venham de fora preferentemente da Europa, mas nós mesmos, como Diocese, sermos missionários e enviarmos missionários para fora.

Assim é que dom Afonso, à frente do Episcopado catarinense, junto com o Episcopado catarinense, criou o projeto Igrejas Irmãs em que as Dioceses de Santa Catarina passaram a enviar missionários para a Bahia. E após isso também missionários para outros locais do nosso país e outros continentes.

Dom Afonso foi responsável também por organismos novos para a articulação e a ação dos

agentes sociais, que buscam a promoção humana, a conscientização e a libertação dos pobres.

A ação social arquidiocesana, que já havia sido criada por dom Joaquim Domingues de Oliveira, recebeu, com dom Afonso, um grande incremento, uma grande dinamização. A partir da ação social arquidiocesana foram criadas em quase todas as paróquias do seu tempo as ações sociais paroquiais exatamente para capilarizar a ação social da Igreja em favor das pessoas mais necessitadas.

Lembremo-nos que dom Afonso participou da Conferência de Puebla, em 1979, que definiu como uma grande diretriz da ação da Pastoral Evangelizadora da Igreja na América Latina a opção preferencial pelos pobres. E não se tratava de excluir os ricos, mas, sim, de fazer com que toda a Igreja se confluísse na atenção, no cuidado e no zelo com as pessoas carentes, marginalizadas e excluídas. Assim é que dom Afonso tinha essa grande preocupação com as ações sociais paróquias, com as pastorais sociais.

Foram dois homens que viveram possuídos pelo Espírito Santo, cada um no seu modo, cada um no seu tempo. Dom Joaquim pondo em prática o Concílio Vaticano I, de 1870, vivendo e preparando o Vaticano II, e dom Afonso vivendo e fazendo acontecer, dinamizando em nossa Arquidiocese e em todo o estado o Concílio Vaticano II.

Dois homens de Pentecostes não foram franco-atiradores que rompessem com a tradição para angariarem a simpatia de instâncias novidadeiras. Foram mesmo homens de tradição, homens fiéis ao seu passado, mas eram homens abertos ao futuro, aos tempos novos, aos novos desafios que a sociedade e o mundo da política, da ciência, da cultura colocavam para a Igreja.

Afinal, o Espírito Santo não nega a história. O Espírito Santo se insere na história e leva a história adiante. O segredo da permanência institucional da Igreja, que está aí há dois mil anos colaborando na construção da civilização ocidental, e a sua relevância nos diversos contextos da história - e podemos dizer que é a partir da Igreja que foram criadas as

universidades, muitos colégios, orfanatos, a grande atenção da Igreja às instâncias mais pobres de toda a sociedade -, está exatamente na conciliação entre os valores do passado e as urgências que nos vêm do futuro.

Foram dois homens situados cada um no seu presente, mas fiéis ao seu passado, à sua tradição e abertos ao seu futuro.

Nisso é que temos que louvar, bem dizer, glorificar a Deus, e aprender com esses homens, nesse nosso tempo, a ser homens do presente, saber trazer esses valores do passado, por exemplo, o passado deles mesmos, de dom Joaquim e de dom Afonso, para o nosso tempo e relançá-los para o futuro.

Gostaria de terminar a minha exposição com uma frase do próprio dom Afonso Niehues, numa palestra que ele proferiu na rádio do Vaticano, exatamente nos dias conclusivos do Concílio Vaticano II, dia 4 de dezembro de 1965, mostrando exatamente como cada ser humano deve se comportar a partir daquilo que tem, que sabe e em vista daquilo que poderá ainda adquirir. Dizia dom Afonso: "Todo ser humano deve partir da valorização daquilo que ele é, daquilo que ele possui em função do seu crescimento pessoal e do crescimento da comunidade na qual ele se insere. Apegados aos valores divinos e aos legítimos valores humanos, ele deve lutar pelo desenvolvimento de suas capacidades de amor, solidariedade, fidelidade, honestidade, participação e responsabilidade".

Nós podemos dizer, certamente com toda segurança, que recebemos muito desses dois homens ilustres, duas grandes personalidades não somente da Igreja, mas de toda a sociedade catarinense. E como cantamos ainda há pouco, ouvindo Jesus no Evangelho de Mateus: "De graça recebeste, de graça daí".

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Dando continuidade à sessão, fará

uso da palavra dom Wilson Tadeu Jönck, arcebispo de Florianópolis.

O SR. ARCEBISPO DOM WILSON TADEU JÖNCK - Quero saudar o presidente da sessão, deputado Padre Pedro Baldissera, também o deputado Joares Ponticelli e, na pessoa dos dois, cumprimentar todos os membros da mesa. E, se me permitem, faço um destaque para dona Lenice Niehues e, em seu nome, saúdo todos os parentes de dom Afonso aqui presentes.

Gostaria apenas de dizer uma coisa: dom Afonso ainda tem uma irmã viva, que não pôde estar aqui presente, mas quero pedir que dona Lenice lhe contasse um pouco daquilo que aconteceu aqui nesta noite.

Eu não quero repetir as coisas, pois penso que fica muito claro que dom Joaquim e dom Afonso foram duas personalidades fundamentais para a Igreja de Santa Catarina. Dom Joaquim, que percorreu o estado todo, foi confirmando na fé, e com isso fortaleceu as comunidades que iam surgindo. E dom Afonso consolidou exatamente a partir da novidade do Concílio Vaticano II.

Mas gostaria de ressaltar um pouco alguns dados de como isso tem uma importância também para a sociedade catarinense. A Igreja acontece dentro da sociedade, e dentro desses quase 80 anos representados pelos governos de dom Joaquim e dom Afonso algumas coisas importantes aconteceram, ou coisas que incidiram fortemente na vida da sociedade catarinense.

Começaria citando a questão do Contestado, porque isso mexeu muito com aquilo que são os limites do próprio estado de Santa Catarina. Havia um desentendimento com o estado vizinho, o Paraná, e dom Joaquim era bispo num tempo em que se vivia isso, num tempo em que o oeste era pouco integrado ao resto do estado.

Pessoalmente, acho que dom Joaquim representou muito para essa integração, e por um motivo muito simples: porque ele viajava por todas as cidades, crismava todo mundo e confirmava as comunidades católicas. E esse foi um instrumento de integração

do estado de Santa Catarina e um dos fatores que, penso, teve o seu peso nisso que aconteceu.

Depois, o próprio estabelecimento daquilo que era a Diocese de Santa Catarina. Um detalhe: o oeste, inicialmente não pertencia à Diocese de Florianópolis, ele pertencia à Diocese de Palmas. E aí houve uma série de negociações: enquanto se negociava os limites políticos e civis, também se negociava os limites da própria Diocese de Santa Catarina. Esse foi um dos aspectos que fez com que a Igreja fosse crescendo e consolidando-se.

Outro aspecto que chamaria a atenção é o da migração italiana, alemã e polonesa em nosso estado. Os núcleos urbanos foram se estabelecendo muito em função disso, além dos portugueses açorianos aqui no litoral. Pessoas que partiam desses núcleos é que formaram Santa Catarina e a Igreja de Santa Catarina.

Dois outros fatos que gostaria de lembrar são as duas guerras mundiais. Dom Joaquim esteve no governo da Diocese exatamente sofrendo todo esse impacto da Primeira Guerra Mundial e da Segunda Guerra Mundial. E penso que isso influenciou muito Santa Catarina, e talvez até mais do que outros estados do Brasil.

Há dois fatos que gostaria de lembrar também dentro do governo de dom Joaquim. Um foi a ditadura de Vargas, o Estado Novo, que, em termos da composição do estado brasileiro, teve um peso muito grande. E um pouco unido a isso, e foi algo que também teve uma grande repercussão para a sociedade brasileira e de Santa Catarina, foi o início da industrialização no Brasil. E isso tudo tinha as suas repercussões dentro da própria Igreja, positivas e negativas. Governar a Igreja era saber também entender isso que acontecia a partir dessas coisas.

No período de dom Afonso, eu colocaria, sobretudo, a questão da ditadura militar, a Revolução de 64 no Brasil, que foi um tempo bastante difícil que exigia muito tato. E dom Afonso, com o seu modo calmo, ponderado, que inspirava respeito, conseguiu ter sempre uma

posição muito lúcida diante daquilo que ia acontecendo.

Outro fato, e que já foi citado, é a questão do Concílio Vaticano II, que tanto a ditadura militar quanto outro fator que havia na sociedade naquela época, que é a chamada revolução da contracultura, com uma incidência muito forte no modo de ser cristão, no modo de ser católico e no modo de ser membro da Igreja... Isso, de alguma forma, criou uma certa convulsão também dentro da Igreja, dentro das instituições eclesiais. E dom Afonso soube conduzir e posicionar-se de uma forma bastante adequada. Não tenho receio de dizer que foi o homem certo no momento certo.

Junto com toda essa efervescência, houve a modernização da sociedade, em que ela também passou a ser sempre mais urbana. A maioria, que era rural, passa a ser urbana, e isso aconteceu exatamente no período de dom Afonso. Era outra Igreja, outra mentalidade, e todos eram filhos de Deus. E é lá que a Igreja deve aparecer e o testemunho de fé também deve ter o seu lugar.

Esses dois homens, a meu ver, tiveram grande brilho em se conduzir exatamente diante de todas essas circunstâncias. Junto com tudo que foi falado, eu gostaria de enaltecer esses fatos aqui também.

Termino agradecendo a esta Casa, na pessoa dos dois deputados aqui presentes, por esta justa homenagem. Como sucessor dessas duas grandes personalidades, fico muito agradecido.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Com toda a certeza, dom Wilson, em meu nome, em nome do deputado Joares Ponticelli, em nome desta Casa e do nosso presidente, deputado Romildo Titon, queremos, mais uma vez, ser gratos pela Igreja ter-nos oportunizado este momento ímpar de prestar esta homenagem nesta noite.

Então, fica aqui a nossa gratidão, como Poder Legislativo, de a Igreja poder nos oportunizar este momento em que comemoramos esses dois

centenários, e também viver este momento rico de partilha, socialização e recuperação da história. Tanto o estado como a Igreja tem um alvo comum, que é a busca e a construção do bem comum de todos os cidadãos. Esta é a missão essencial da vida do estado e da Igreja. Portanto, os dois se encontram neste objetivo último e mais importante: o bem comum de todos e de todas.

Nesse sentido, esta Presidência agradece a presença das autoridades com assento à mesa e de todos que aqui vieram participar desta sessão especial em comemoração ao centenário de posse de dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo da Diocese de Florianópolis, e do centenário do nascimento de dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis, convidando-os para um coquetel no *hall* deste Poder.

Gostaria de agradecer à imprensa, à TVAL, aos funcionários desta Casa, que se dedicaram para que tudo isso pudesse acontecer, e a cada um e a cada uma de vocês que vieram prestigiar este ato. Agradecemos também a todos vocês que nos acompanham através dos veículos de comunicação.

Teremos agora a execução do hino de Santa Catarina.

(Procede-se à execução do hino.)

Esta Presidência, antes de encerrar a presente sessão, convoca outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a presente sessão.